"Vi na Igreja perseguida na China uma fé e piedade em estado puro"

"Senhor, dá-me um sinal para saber que queres que vá para a China", pediu o padre Esteban Aranaz. Ao sair da igreja, encontrou uma religiosa oriental que o cumprimentou: "Bom dia, Padre. Por favor, reze pelo meu país: a China".

12/07/2020

A norte de Pequim, numa localidade do interior da <u>China</u>, um sacerdote espanhol dá aulas de Teologia numa antiga fábrica de gelados. São duas da manhã.

Os alunos bebem as suas lições sobre o <u>Catecismo da Igreja</u>, porque sabem que durante muito tempo não voltarão a escutar nada disso.

Acabada a reunião, todos vão regressar a casa e no dia seguinte voltar ao trabalho como mais um. Só eles, e uma meia dúzia de fiéis, sabem que são seminaristas da Igreja perseguida da China. Por sua vez, Esteban Aranaz, o professor, vai pegar na guitarra e continuar a "visitar" o país na qualidade de "músico".

No seu périplo pela China, esperamno muitos "concertos": aulas a seminaristas, exercícios espirituais a religiosas, Missas a pequenas comunidades, visitas a sacerdotes... "Quase sempre à noite, quando a Polícia já não fazia vigilância. Medo? É estranho, mas não, nunca tive medo".

Esteban Aranaz é um sacerdote diocesano que pertence à <u>Sociedade</u> <u>Sacerdotal da Santa Cruz</u>, associação fundada por <u>S. Josemaria Escrivá</u>, e unida ao <u>Opus</u> Dei.

Durante seis anos, viveu em Taiwan e fez viagens frequentes à China. Agora, regressa a Espanha para ser reitor do Seminário Maior da diocese de Tarazona, a que pertence.

Como pensou trocar Tarazona por Taiwan?

O Senhor foi-mo sugerindo pouco a pouco. Chegavam-nos notícias de uma religiosa da nossa diocese que vivia num convento de clausura em Taiwan, e era claro que por lá tanta gente não conhece ainda <u>Cristo</u>...

No Natal de 1999 convidei para a minha paróquia um rapaz novo chinês meu amigo. A sua situação legal e laboral em Espanha não era muito boa. Yan não era cristão, mas o seu carácter sincero e generoso fortaleceu a nossa amizade.

Nesse dia, estávamos na igreja e ajudou-me a preparar algumas coisas para a Missa da meia-noite. O meu amigo, ao ver a imagem do Menino Jesus, disse-me que esse Menino "lhe dizia" três coisas: Primeira, Ele vem do céu, não é como nós; segunda, como é pequeno tem uma Mãe que o ama muito; terceira, tem os braços abertos porque nos ama a todos.

Tinha pensado como lhe havia de explicar o sentido do <u>Natal</u>, mas não foi preciso. As suas palavras impressionaram-me muito pela sua simplicidade e profundidade e pensei: "Quantos na China não Te conhecerão, Jesus!". A partir desse

momento, no meu coração surgiu uma grande inquietação em ir para a China.

Comecei a pensá-lo seriamente quando João Paulo II, em 2000, nos encorajou a ser valentes no nosso apostolado. "Duc in altum! Remar mar adentro! ", dizia. Aquilo ecoou na minha cabeça constantemente. Da mesma forma, fiquei emocionado com a carta que o Prelado do Opus Dei também escreveu por ocasião do novo milénio, incentivando os seus filhos a terem "objetivos apostólicos mais audazes".

Mas se já era padre ...

Já, no entanto, sabia que não era suficiente. Tinha que me decidir.

Então, numa viagem que fiz a Roma, estive a rezar diante de uma relíquia de S. Francisco Xavier, um santo que deixou tudo pela Ásia. Ali, pedi ao Senhor: "Dá-me um sinal claro de

que queres que eu vá para a China. Não é uma decisão fácil."

E assim que saí da igreja, já na rua, uma freira oriental veio até mim e depois de me cumprimentar, pediume: "Por favor, reze pelo meu país: a China".

"Não sabe quanto rezo, irmã", respondi gelado. Era o sinal que eu esperava, não podia voltar atrás.

Quando propus isso ao meu bispo, apoiou-me totalmente: "Não posso negar-me a um serviço que será para a Igreja universal", disse, e sempre lho agradecerei.

Como foram os inícios?

Difíceis, claro. Durante dois anos, o meu dia reduzia-se a celebrar a missa, estudar chinês e a fazer as minhas normas de piedade, como o terço ou a oração. Desfrutava muito da missa, porque então entendi que

era o mais valioso que poderia viver no meu dia. Como não podia fazer mais nada, rezei e rezei por aquelas pessoas com quem ainda não conseguia comunicar.

Sofreu muito com a solidão?

Não, nunca me senti sozinho. Como sacerdote da Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz, ia ao centro do Opus Dei em Taipé para receber os meios de formação e direção espiritual. Lá encontrei forças para não desanimar. A oração da minha família e de tantos amigos também foi uma certeza que me encorajou por dentro.

Finalmente, dois anos depois, o arcebispo de Taipé encarregou-me de atender uma paróquia de 120 pessoas: Nossa Senhora da Medalha Milagrosa (uma devoção de que S. Josemaria gostava muito). "Quem vou ajudar?",perguntei. "Será o único

pároco", disse-me. Fui com grande entusiasmo.

As primeiras homilias em chinês foram desastrosas! Mas graças a Deus, os fiéis foram muito compreensivos e ajudaram-me muitíssimo.

Como é a fé de Taiwan?

É preciso saber que em Taiwan, um país com 23 milhões de pessoas, apenas 1% da população é católica. Mas estão muito orgulhosos, há um grande sentido de pertencer à Igreja.

Durante esses anos, tivemos 32 conversões. Lembro-me com carinho especial de um homem que aos 58 anos foi diagnosticado com cancro. A família era católica, mas ele sempre permaneceu no paganismo. Telefonaram-me para ir ao hospital: "Quer ser batizado". Lembro-me de lhe perguntar as verdades da fé: "Acredita em Deus, Pai ...? Acredita

em Deus, Filho ...? "- e ele respondia com força, agarrando o meu crucifixo: "Sim, acredito! ". Quando ia a sair, pediu-me a cruz: "Já só isto me conforta", disse. Morreu pouco depois com muita paz.

Nas minhas viagens para ver os doentes, lembrei-me muito de S. Josemaria, quando preparou a fundação do Opus Dei, confortando os moribundos em Madrid. Conheço todos os hospitais de Taipé! Neles administrei a unção dos doentes, batizei e até casei!

E como explicam a fé àqueles que não acreditam?

Os taiwaneses geralmente respeitam muito a fé, por isso é possível manifestá-la. Desde há três anos, organizamos a procissão do <u>Corpus Christi</u> pelas ruas mais centrais da cidade. Os paroquianos preparam um tapete de arroz multicolorido

com desenhos. É uma ocasião para explicar a Eucaristia.

Na altura do Natal, quis colocar um presépio num local público. Essa tradição é uma oportunidade de falar de Cristo. Ao lado da paróquia fica a sede de um dos bancos mais importantes do país. Na entrada do arranha-céus, abre-se um pequeno jardim: era o lugar perfeito. Pedi a dois fiéis que me acompanhassem para falar com alguém encarregado. Antes de entrar, rezámos uma Ave-Maria para que tudo desse certo. Era 12 de dezembro, festa de Nossa Senhora de Guadalupe.

Bem, não só fomos capazes de conversar com o encarregado do edifício, como imediatamente nos deu licença e além disso pagou toda a instalação!

Ficaram muito surpreendidos com essa tradição religiosa. Desde então, o presépio é instalado todos os anos no mesmo local e é uma bela catequese.

Mas a sua intenção inicial era ir para a China ...

E pude ir! Quando aprendi chinês suficientemente, entrei em contacto com algumas comunidades da Igreja perseguida ou "clandestina" e pude visitá-las. Cheguei a visitar os cristãos que moravam ao norte da Muralha da China.

Depois de conhecê-los, posso dizer que não vi uma fé mais pura do que a dos católicos perseguidos na China. É uma fé purificada pela cruz, pelo sofrimento. Ensinaram-me muito. Por exemplo, quando celebramos a Eucaristia ao amanhecer numa casa, a piedade daquelas pessoas comoviame. A Missa é realmente um tesouro para eles.

Um bispo que foi preso e agora está em prisão domiciliária disse-me:

"Para que a Igreja tenha sucesso na China, as minhas preocupações são três: que não tenhamos medo, que sejamos fiéis e que os nossos sacerdotes se formem bem. O resto será solucionado".

Este bispo dirige um orfanato com 72 crianças deficientes e doentes que foi recolhendo nas ruas. Ele, e os padres da China, de um modo geral, são heroicos.

Como se pode ajudar a Igreja na China?

Com oração.

Tal qual.

Mas não basta rezar pela Igreja. Também é preciso rezar pelas autoridades do país, para que se convertam.

Além disso, é possível ajudar economicamente a formação dos

sacerdotes chineses que podem chegar à Europa. Promovo a fundação "Guan Ming" (Claridade), que fornece livros para seminários clandestinos. Recentemente, conseguimos enviar um exemplar da primeira tradução chinesa das obras completas de S. Tomás, da *Summa Theologica* e outros materiais.

E agora?

O bispo da minha diocese originária em Espanha erigiu um seminário e nomeou-me Reitor. Assim, volto para Tarazona para continuar a servir a Igreja. Deixo a China, mas o meu coração não.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https:// opusdei.org/pt-pt/article/vi-na-igrejaperseguida-na-china-uma-fe-e-piedadeem-estado-puro/ (22/11/2025)